

RESUMO - COM COMUNICAÇÃO ONLINE - GT 03: EPISTEMOLOGIAS
TRANSFORMADORAS E JUSTAS: GÊNERO E DIVERSIDADE

**QUANDO A SEDE CANTA: PRÁTICAS MUSICAIS, CORPOREIDADE E
EPISTEMOLOGIAS TRANSFORMADORAS NO GRUPO DE CANTO
ECUMÊNICO**

Daniela Weingartner (daniela.wgt@gmail.com)

Este trabalho investiga de que modo práticas musicais coletivas podem produzir conhecimentos, pertencimento e relações, considerando as conexões entre gênero, corporeidade, fé e diversidade. A investigação parte da hipótese de que o canto coletivo produz conhecimentos que emergem do corpo, da experiência e das relações e pode também constituir uma prática que interrompe a lógica utilitarista e produtivista vigente. Para tanto, a pesquisa adota abordagem qualitativa, de caráter exploratório e interpretativo, articulando observação participante do Grupo de Canto Ecumênico, registro das experiências dos ensaios e revisão bibliográfica. O referencial teórico dialoga com o conceito de musicar, de Christopher Small, com os estudos sobre corporeidade e ritual de Catherine Bell, com a perspectiva da religião vivida de Meredith McGuire e Júlio César Adam, além das contribuições de Boaventura de Sousa Santos para as epistemologias do Sul, Ivone Gebara para a teologia feminista latino-americana e Byung-Chul Han e Hartmut Rosa para a reflexão sobre produtividade, contemplação e ressonância.

A pesquisa nasceu da convivência com o Grupo de Canto Ecumênico, que ensaia semanalmente no Teatro Carlos Gomes, em Blumenau (SC). Formado majoritariamente por mulheres de diferentes denominações religiosas, o grupo

mescla prática musical e conversas sobre fé e diversidade. Grande parte das participantes não possui experiência anterior em coros, mas para além da aprendizagem musical, os ensaios têm produzido conversas sobre teologia, experiências cotidianas e questões que atravessam a vida. Um dos desdobramentos da investigação ocorreu a partir do canto “De Noche”, da comunidade de Taizé, e das conversas suscitadas por seu texto: “solo la sed nos alumbra” (só a sede nos ilumina). A partir do canto, as participantes falaram sobre as “sedes” que as iluminam e movem: sede de justiça, amor, paz, acolhimento, empatia, reconhecimento, vida digna e união.

O canto coletivo possibilita compartilhar experiências corporais, afetivas e espirituais e produzir reflexões a partir delas. Ao mesmo tempo, cantar, uma atividade que não precisa responder às exigências de produtividade, cria uma pausa na lógica do desempenho e abre espaço para presença, escuta, contemplação e relação. O canto não aparece, assim, como fuga da realidade, mas como outra forma de estar nela. No contexto observado, as pessoas participantes compartilham experiências, negociam diferenças e expressam desejos relacionados à justiça, ao cuidado e à dignidade.

Palavras-chave: musicar; corporeidade; gênero; religião vivida.